

Castelo da paixão (paralelismos entre *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, e *Las moradas*, de Teresa de Jesús)

ANTÓNIO MAURA *

Tradução: Wanderlan da Silva Alves **

RESUMO: Este trabalho propõe uma leitura comparada dos livros *O castelo interior ou As moradas*, de Teresa de Jesus, e *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector. Ainda que esses livros tenham quatro séculos de distância um do outro, em ambos se produz o relato de uma experiência pessoal que poderia qualificar-se como mística. Assim nos fazem supor o processo da escrita de ambos os livros e a descrição dos diferentes espaços anímicos neles realizada. Deste modo, sua problemática se situa para além dos estilos de suas diferentes épocas e de suas formas linguísticas e conceituais, permitindo-nos vislumbrar uma realidade que se encontra além da linguagem, nas esferas do inominável e do silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Isotopias; Mística; Teresa de Jesus.

ABSTRACT: This work proposes a parallel reading of the books *El castillo interior o Las moradas*, by Teresa de Jesús, and *A paixão segundo G.H.*, by Clarice Lispector. Although those books are distanced temporarily in four centuries, in both, however, comes the account of a personal experience, which could be described as mystical. The process of writing of both books and the description that is made on them in different spaces of the mind thus suggests such idea. Thus, their problems are beyond the styles of different times and their linguistic and conceptual forms, which allow us to glimpse of a reality that is beyond language, in the spheres of nameless and silence.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Isotopies; Mystical; Teresa of Avila.

* Doutor em Filologia pela Universidade Complutense de Madrid (UCM), tradutor e crítico literário. Foi diretor da Cátedra de Estudos Brasileiros na UCM (2005; 2009). Membro Correspondente da ABL – Academia Brasileira de Letras (2011). Traduziu *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Publicou, recentemente, o livro de ensaios *Cartografía Literaria de Brasil*. E-mail: amauraba@gmail.com

** Doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto. Professor de Literaturas Hispânicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - 58500-000 - Monteiro - Brasil. E-mail: alveswanderlan@yahoo.com.br

Neste trabalho, não pretendemos fazer um estudo comparativo, mas, sim, uma leitura paralela, de dois textos significativos, um de uma escritora espanhola do século XVI e outro de uma escritora brasileira do século XX, bem como da maneira como elas se aproximam de uma realidade que se situa além da linguagem, no plano do inominável. Um desses livros é o *Livro das moradas ou Castelo interior* [*El castillo interior o Las moradas*], escrito em 1577, e o outro é *A paixão segundo G. H.*, de 1964. Ambos os textos comunicam uma experiência interior que ultrapassa suas próprias autoras e a necessidade mesma de expressar tal experiência, o que, apesar das grandes diferenças culturais nos contextos em que tais textos foram escritos, justifica uma leitura em conjunto de ambas as autoras e suas obras, no meu modo de vê-las.

Em primeiro lugar, é interessante determo-nos nos traços biográficos das escritoras. Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada (Ávila, 1515 – Alba de Tormes, 1582), conhecida como Teresa d'Ávila ou Teresa de Jesus, era filha de Alonso Sánchez de Cepeda e de Beatriz de Ahumada. Seu avô, Juan Sánchez de Toledo, que era um rico comerciante de tecidos de lã e de seda, foi acusado de ter abraçado a religião judia, em junho de 1485 e, condenado por heresia e apostasia do cristianismo, foi obrigado a perambular pelas ruas de Toledo com o *Sambenito* ou *Saco Bendito* – espécie de capa que os condenados pelo Tribunal do Santo Ofício eram obrigados a vestir como pena para serem reconciliados com a Igreja. Tratava-se de um hábito amarelo com uma ou duas cruzes diagonais que depois era posto na igreja com o nome do absolvido.

Em 1493, Juan Sánchez iria instalar-se em Ávila e em 1500 compraria para si um título de nobreza. Seu filho Alonso, o pai de Teresa, que tinha apenas 5 anos quando o avô da escritora foi condenado pela Inquisição, foi um cristão exigente e ostentou sua condição fidalga. Inicialmente, casou-se com Catalina del Peso, que morreria em 1507, vítima de uma epidemia de peste, e depois também com Beatriz de Ahumada, com a qual teria dez filhos, entre os quais Teresa. Tais fatos devem ter afetado intensamente essa mulher de caráter forte, cujo nome – nada comum para a época – poderia ser um anagrama de Ester.

Clarice Lispector, por sua vez, nascida em Tchetelnik, Ucrânia, em 1920, e falecida no Rio de Janeiro em 1977, era filha de Pedro (Pinkas) Lispector e Marieta (Mania) Krimgold. Samuel Lispector, seu avô paterno, foi um estudioso dos textos do *Talmud*, e seu avô materno, Isaac Krimbold, morreu na Ucrânia em 1915, vítima de um *pogrom*. Os cossacos invadiram a aldeia onde vivia e capturaram rapazes e moças, que só seriam libertados em troca de dinheiro. Isaac, do mesmo modo que outros anciãos responsáveis, ofereceu-se para ser levado no lugar dos jovens e, desse modo, evitar que eles fossem maltratados e violentados, como era a prática habitual. Mas, depois de pago o resgate, os reféns foram fuzilados para que não restassem testemunhas. No que se refere ao nome da escritora, no entanto, originalmente não era Clarice, mas Haia ou Chaia (Vida), segundo dois de seus biógrafos, Teresa Montero e Benjamin Moser.

Outro aspecto em que ambas as escritoras se aproximam refere-se às suas respectivas mães. Beatriz de Ahumada, mãe de Teresa, sofreu sérios problemas de saúde e morreu em 1528, quando a filha tinha 13 anos. Já a mãe de Clarice, Marieta, morreria quando a filha mal tinha completado os 10 anos de idade, depois de, segundo afirma Benjamin Moser, em sua

biografia, ter ficado parálitica possivelmente em consequência de ter contraído sífilis ao ser estuprada pouco antes de sair da Rússia. Há, ainda, outra coincidência no fato de que ambas as escritoras morreram por consequências da mesma doença, um câncer de útero.

Se se quiser, todas essas semelhanças podem ser consideradas coincidências, mas dificilmente poderíamos encontrar um retrato de família tão parecido, apesar das diferenças de lugar e época em que as duas escritoras viveram. Um dado significativo é que seus nomes foram “postiços” e que os nomes originais permaneceram ocultos por um receio mais do que razoável. Ester e Chaia seriam, pois, palavras cuidadosamente guardadas no universo familiar. As duas mulheres estariam, conseqüentemente, acostumadas ao segredo, pois até mesmo seus nomes, nos quais sua incipiente identidade infantil se sustentaria, tinham sido censurados. Esse fato serviria para explicar a fragilidade de suas respectivas individualidades e sua facilidade para saírem de si mesmas em direção a espaços mais amplos, onde o sujeito deixa de ter sentido e presença?

No que se refere ao processo de escrita das duas obras – *A paixão segundo G. H.* e *Las moradas* –, também se produz uma curiosa coincidência: ambos os livros foram escritos em momentos especialmente difíceis da vida das autoras. Enquanto escrevia *Las moradas*, Teresa reclamava de fortes enxaquecas: “quanto à minha dor de cabeça, o que tem melhorado é que não sinto tanta fraqueza, e consigo escrever e trabalhar mais do que normalmente, mas o zumbido frequente é muito incômodo” (JESÚS, s. d., p. 11), de acordo com o que escreveu à priora de Sevilha, María de San José, em 28 de junho de 1577. Além disso, conforme seus biógrafos lembram, ela vivia um momento difícil. Seu *Libro de vida*, que ela tinha escrito em atendimento a um pedido de seu confessor, vinha sendo observado atentamente pelos olhos da Inquisição, e a autora tinha perdido a esperança de recuperar seu manuscrito.

Clarice, por sua vez, tinha acabado de voltar para o Rio de Janeiro, depois de sua separação, e passava por sérias dificuldades, conforme ela mesma relata, quando escreveu *A paixão segundo G. H.*: “Estava na pior das situações, tanto no âmbito sentimental quanto no familiar, tudo complicado, e escrevi *A paixão...*, que não tem nada a ver com isso” (LISPECTOR, 1991, p. 6). Será que não há nada a ver entre as condições pessoais difíceis das autoras e o conteúdo e a estruturas desses dois livros?

O título do livro de Teresa – *Libro das moradas ou Castelo interior* –, bem como o seu assunto fazem referência a uma simbologia que pode ser rastreada na tradição mística sufista, conforme as pesquisas de Miguel Asín Palacios e Luce López-Baralt. Luce López-Baralt, da Universidad de Puerto Rico, traduziu o livro *Moradas de los corazones*, de Abū-L-Hasan Al-Nūrī, de Bagdá, para o espanhol. Nesse tratado do século XI, fala-se expressamente nas sete moradas ou castelos e no lugar interior onde o conhecimento místico se produz. Na introdução ao livro, López-Baralt comenta que seria preciso procurar a origem dessa simbologia no *Libro de la profundidad de las cosas*, de Al-Hakim al-Tirmidī, também do século XI. Mas Gershom Scholem aponta textos anteriores, apócrifos e de origem judia, como o *Libro cuarto de Esdras* ou *La ascención de Isaías*, nos quais é mencionada a ideia dos sete céus. Essa tradição mística, conhecida como “mística da *mercabá*”, descreve a viagem visionária que os iniciados faziam pelos sete palácios ou céus, até chegar ao trono glorioso onde está

a divindade. J. H. Laenen, discípulo de Scholem, afirma em seu livro *La mística judia* que a tradição de determinada mística da *mercabá* vem do século II se nossa era, ou até antes, visto que “esses procedimentos funcionaram em círculos rabínicos fechados em si mesmos, que, por princípios axiológicos, tiveram muito cuidado em impedir que o conteúdo de seu conhecimento e sua experiência mística se transformassem em objetos de domínio público” (LAENEN, 2006, p. 35). Laenen explica que essa literatura prolonga-se ao longo de mil anos, e que poderia ser dividida em quatro fases claramente diferenciadas. Sem entrar em mais detalhes, o fato é que Teresa soube dar um caráter plenamente cristão e católico a essa tradição dos sete céus, palácios, moradas ou castelos, seja ela islâmica ou judia, ou as duas coisas ao mesmo tempo, numa obra fundamental da mística espanhola do século XVI.

Já o título e o conteúdo do livro de Clarice – *A paixão segundo G.H.* – remetem claramente ao ritual cristão. A narradora e protagonista do livro, que se esconde sob as iniciais G. H., ascende ao grau de evangelista, visto que vai explicar a grande paixão do ser humano em sua ascensão à divindade, ou a encarnação divina no humano. E é desse movimento de ascensão ou descida (de acordo com o ponto de vista) que o livro trata, e que acabará descrevendo a experiência da protagonista de ingerir uma barata, cujas entranhas brancas, sem fibra e sem sabor, como uma forma consagrada, constituem uma espécie de comunhão extemporânea e nauseabunda, à beira do sacrilégio.

Em ambos os livros, a presença do que não é humano, seja da divindade ou da entranha da vida, torna-se evidente de modo dramático, fato que justifica a escrita da obra. G. H. confessa: “Ontem [...] perdi durante horas e horas a minha montagem humana” (LISPECTOR, 2014, p. 5). Depois, acrescenta:

Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi - porque não entendo. Sei que vi - porque para nada serve o que vi. Escuta, vou ter que falar porque não sei o que fazer de ter vivido. Pior ainda: não quero o que vi. O que vi arreventa a minha vida diária (LISPECTOR, 2014, p. 9).

Teresa, por sua vez, ao tentar descrever sua experiência, observa o seguinte: “Primeiro, um esquecimento de si, que verdadeiramente parece que já não existe, como fica dito; porque está toda ela de tal maneira, que não se conhece nem se lembra que para ela há-de haver céu, nem vida, nem honra” (JESÚS, s.d., p. 156). O que poderia tê-las levado a tal desorganização, a semelhante abandono (esquecimento) de si mesmas? Tentaremos descrever tal experiência seguindo os textos de ambas.

G. H. começa sua peregrinação num domingo. Inicialmente, está sentada à mesa, onde acaba de tomar o café da manhã e, conforme confessa ao interlocutor imaginário ao qual dá a mão, “Da mesa onde me atardava porque tinha tempo, eu olhava em torno enquanto os dedos arredondavam o miolo de pão. O mundo era um lugar” (LISPECTOR, 2014, p. 19). Trata-se de uma profissional liberal, uma escultora com amigos da alta sociedade e prestígio como artista, que se define por seu círculo de relações, sua forma de vestir, suas maneiras: “O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. [...] É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade” (LISPECTOR, 2014, p. 19) Sente-se, pois,

orgulhosa da posição que ocupa. Mas não faz ideia do que vai lhe acontecer.

Teresa reflete sobre os assuntos mundanos que impedem que a luz divina chegue a nós, com estas palavras, em suas primeiras moradas:

Assim me parece deve ser uma alma que, embora não esteja em mau estado, está tão metida em coisas do mundo e tão embebida com sua fazenda ou honra ou negócios - como disse - que, ainda que de facto e verdade queira ver e gozar da Sua formosura, não a deixam nem parece que possa desembaraçar-se de tantos impedimentos (JESÚS, s.d., p. 24).

E, em consequência disso, faz uma reprovação às freiras de seu convento pelo fato de se sentirem presas às suas famílias, à sua condição, a seu corpo e a sua beleza, esquecendo-se frequentemente de que têm uma alma:

Não seria grande ignorância, minhas filhas, que perguntassem a alguém quem era e não se conhecesse, nem soubesse quem foi seu pai, nem sua mãe, nem sua terra? Pois, se isto seria grande estupidez, sem comparação é maior a que há em nós quando não procuramos saber que coisa somos e só nos detemos nestes corpos; e assim, só a vulto sabemos que temos alma, porque o ouvimos e porque no-lo diz a fé. Mas, que bens pode haver nesta alma ou quem está dentro dela, ou o seu grande valor, poucas vezes o consideramos; e assim se tem em tão pouco procurar com todo o cuidado conservar sua formosura (JESÚS, s.d., p. 15-16).

Também lhes descreve a escuridão em que vivem e que, mesmo sem terem pecado, sua realidade ordinária, seus privilégios e seu orgulho são semelhantes aos seres rastejantes e venenosos que habitam a escuridão:

Haveis de notar que, nestas primeiras moradas, ainda não chega quase nada da luz que sai do palácio onde está o Rei; porque, embora não estejam obscurecidas e negras como quando a alma está em pecado, estão de alguma maneira obscurecidas para poderem ver quem está nelas e não por culpa do aposento - não me sei dar a entender -, mas porque entraram com a alma tantas coisas más de cobras e víboras e coisas peçonhentas que não a deixam reparar na luz (JESÚS, s.d., p. 23-24).

Nesse primeiro retrato de G. H. e na primeira morada de Teresa há uma espécie de desgosto pelo ser que somos, pela identidade, que se traduz numa certa inquietação interna. A protagonista da obra de Clarice não suporta o vazio desse longo domingo que a espera, e resolve ocupar ao menos a sua manhã para fazer uma limpeza na casa. Então, levanta-se da mesa onde tomou o café, explica que gosta da ocupação de arrumar a casa para que, numa clara referência ao livro do Gênesis, “depois, na sétima hora como no sétimo dia, ficasse livre para descansar e ter um resto de dia de calma” (LISPECTOR, 2014, p. 22). Por outro lado, uma vez que G. H. define-se por suas posses, o fato de arrumar a casa também significa dar forma ao seu próprio ser, isto é, construir-se enquanto individualidade humana.

Para realizar tal tarefa, decide começar pelo quarto da empregada. Escolha curiosa, pois

a criada encontra-se em uma posição social bem diferente da sua. Mas essa decisão também supõe uma atitude classista em relação à empregada, chamada Janair, que tinha se demitido no dia anterior, ou seja, no sábado. Também gostaríamos de destacar essa especificidade dos dias da semana. O domingo é o dia de festa, para os cristãos, enquanto o sábado é o dia de festa para os judeus. G. H. marca claramente sua diferença em relação à criada, a quem olha depreciativamente como um ser inferior. Não se trataria de uma alusão à condição dos judeus na Europa do século XX?

Além disso, G. H. toma uma decisão esquisita num dia de descanso, como é o domingo, aliás, com uma tarefa tão pouco transcendente, como é a limpeza doméstica. Resolve, ainda, desligar o telefone para ninguém incomodá-la. Portanto, a tarefa de arrumar a casa (“arrumar a forma”) parece ser muito mais importante do que poderíamos pensar num primeiro momento. Em seguida, a protagonista atravessa a cozinha e, antes de atravessar o corredor que leva ao quarto de Janair, encosta-se num murinho que leva ao corredor, olha para baixo e descobre, de uma altura de trezes andares, um sem número de esquadras, janelas, tubos e cabos, como se estivesse no alto de uma fábrica. G. H. fica paralizada diante daquela “riqueza inanimada que lembrava a da natureza: também ali poder-se-ia pesquisar urânio e dali poderia jorrar petróleo” (LISPECTOR, 2014, p. 23). Imagina-se no alto de uma ruína egípcia construída por inúmeros trabalhadores: “algo da natureza fatal saíra fatalmente das mãos da centena dos operários práticos que havia trabalhado canos de água e de esgoto, sem nenhum saber que estava erguendo aquela ruína egípcia para a qual eu agora olhava” (LISPECTOR, 2014, p. 23-24).

A tarefa da Humanidade também é construir-se como cultura ou como ruína, pois qualquer civilização acaba esgotando-se e desaparecendo. G. H. descobre, desse modo, o abismo das vidas, geneticamente ligadas umas às outras, avançando, elaborando um mundo e uma linguagem. G. H. conhece a primeira verdade dessa travessia: somos o produto de uma história e de uma evolução.

Por sua vez, em suas segundas moradas, Teresa explica as formas que Deus têm para chamar as almas à sua esfera. Isso se faz por meio dos sermões, dos livros, dos trabalhos e doenças. O sofrimento e o esforço humano são, conseqüentemente, um chamado:

tem em tanto este Senhor nosso que O amemos e procuremos a Sua companhia que, uma vez ou outra, não deixa de nos chamar para que nos acerquemos d’Ele. E é esta voz tão doce, que se desfaz a pobre alma por não fazer logo o que lhe manda; e assim - como digo - é muito mais trabalho do que não O ouvir.// Não digo que estas vozes e chamamentos sejam como outros que direi depois, mas são com palavras que se ouvem a gente boa, ou sermões ou com o que se lê em bons livros e outras muitas coisas que tendes ouvido, com as quais Deus chama; ou enfermidades, trabalhos e também com uma ou outra verdade que Ele ensina naqueles instantes em que estamos em oração que, seja quão frouxamente quiserdes, os tem Deus em muito (JESÚS, s.d., p. 27-28).

G. H. descobre que não se pode constituir a individualidade a não ser contando com sua realidade múltipla e coletiva. Já Teresa explica que por trás da condição humana há a divindade, que dá sentido à vida. Nos dois casos, a subjetividade se resolve num âmbito

maior: o chamado da divindade ou da civilização à qual pertencemos.

A protagonista de *A paixão segundo G. H.* depois atravessa o corredor escuro e entra no quarto da empregada. Ela esperava encontrar um quarto sujo, escuro, mas o que encontra é o contrário disso: um cômodo organizado, limpo, um “vazio seco”, um quarto que “parecia estar em nível incomparavelmente acima do próprio apartamento.// Como um minarete (LISPECTOR, 2014, p. 25).” Então, começa a descrevê-lo: sua construção não era regular, pois tinha dois ângulos mais abertos, parecia “um erro de visão”. Através de milênios de esforço, G. H. subiu até o alto da torre, chegando ao quarto dos loucos: um cômodo vazio, inodoro, iluminado por uma luz plana, tão claro que parece escuro. A escultora, mulher livre da burguesia carioca, toca aqui na linha tênue que separa a racionalidade da loucura, chega ao limite. Não se deve pensar além disso, e ela sabe: “Tratava-se agora de um aposento todo limpo e vibrante como num hospital de loucos onde se retiram os objetos perigosos” (LISPECTOR, 2014, p. 24-25).

Tal claridade *seca* e a ausência de posses, que denota humildade, também são descritas por Teresa em suas terceiras moradas:

Não peçais o que não tendes merecido, nem havia de nos vir ao pensamento que, por muito que sirvamos, o havemos de merecer, nós os que temos ofendido a Deus.// Ó humildade! Não sei que tentação me vem neste caso, que não posso acabar de crer a quem tanto caso faz destas *securas*, senão que é um pouco falta dela (JESÚS, s.d., p. 35 – grifo nosso).

E, também:

O Senhor vo-lo dará a entender, para que tireis das *securas* humildade e não inquietação, que é o que pretende o demónio. E crede que onde há verdadeira humildade, ainda que Deus nunca dê regalos, dará uma paz e conformidade com que andareis mais contentes do que outros com regalos. E muitas vezes - como tendes lido -, os dá a Divina Majestade aos mais fracos; embora creia que eles não os trocariam pelas fortalezas dos que andam com *securas* (JESÚS, s.d., p. 36 – grifos nossos).

Destaquei a palavra “seco”, que Clarice usa, e o termo “secura”, usado por Teresa, porque ambos descrevem o estado em que as protagonistas se encontram nesse âmbito de nudez e humildade. Elas descrevem a mesma sensação de seca, que expressa ausência – vazio – e uma necessidade urgente de líquido, ou, ao menos, de alguma coisa úmida. Estamos, desse modo, no território da sede.

Com a boca *seca*, G. H. decide entrar no quarto e depara-se com alguma coisa impressa na parede, é um desenho feito com carvão, numa das paredes de cal contígua à porta. O desenho representa um homem, uma mulher e um cachorro nus, de uma nudez a tal ponto agressiva, que parecem múmias, afirma. A narradora nos diz, indignada, que não era um grupo, mas seres isolados, esquematizados, abandonados à solidão asfíxiante, à nudez que os degradava: “O desenho não era um ornamento: era uma escrita” (LISPECTOR, 2014, p. 26), confessa. Então, ela tenta lembrar-se do rosto da empregada, mas não consegue. Chega

a pensar que Janair a odeia, e que esses três signos, expressivos como se fossem ideogramas chineses ou três hieróglifos egípcios, são uma prova disso. Sente-se, então, agredida e vexada por alguém a que nunca tinha dado importância nenhuma. E, ao se dar conta disso, fica horrorizada: a visão é invertida, e Janair, que G. H. desprezava, agora a observa tal como ela é, como um ser humano nu semelhante a outro qualquer, com sua anatomia animal e a expressão neutra e esquemática, no rosto e na figura. Mas há algo mais: aquelas figuras parecem vivas e, o que é ainda pior, parecem ser as donas desse espaço vazio, como se se tratasse de deuses ancestrais. G. H. acredita ter reconhecido no desenho a sua própria ossada, que não é diferente de outra ossada humana qualquer. E, de repente, o quarto parece se transformar: agora, parece-lhe o buraco de uma tumba, um estômago vazio.

A nudez do corpo, a expressão de nossas necessidades biológicas, bem como o profundo incômodo que o fato provoca na protagonista de Clarice, são descritos deste modo, nas quartas moradas de Teresa:

pois também estamos sujeitas a comer e dormir, sem nos podermos escusar, o que é grande trabalho.// Reconheçamos a nossa miséria, e desejemos ir aonde “ninguém nos menospreze” [...] porque todos os menosprezos e trabalhos que pode haver na vida, não me parece que cheguem a estas batalhas interiores (JESÚS, s.d., p. 48).

Ter um corpo com necessidades biológicas pode ser humilhante para uma mulher da alta sociedade: sentir-se obrigada a defecar, a acordar com mau gosto na boca e os cabelos despenteados, ter um odor corporal que, por vezes, se torna onipresente. Esses desenhos insultantes e vexatórios não fazem outra coisa senão recordar-nos de nossa condição primária de membros da espécie humana, não muito diferentes dos outros, totalmente passíveis de serem identificados em suas atividades mais vulgares.

No entanto, G. H. mantém seu propósito de arrumar a casa, mas não sabe como começar a fazer isso nesse quarto, que não parece ter um centro: “O quarto não tinha um ponto que se pudesse chamar de seu começo, nem um ponto que pudesse ser considerado o fim. Era de um igual que o tornava indelimitado” (LISPECTOR, 2014, p. 31). Mesmo assim, resolve começar a tarefa pelo guarda-roupa, e ao abrir a porta, sente que a escuridão contida dentro dele se derrama como um vapor, um hálito quente e vivo: “E, como o escuro de dentro me espiasse, ficamos um instante nos espiando sem nos vermos. Eu nada via, só conseguia sentir o cheiro quente e seco como o de uma galinha viva” (LISPECTOR, 2014, p. 31), diz G. H. Uma escuridão total, pulsante, como o negativo do cômodo friamente iluminado onde ela se encontra, e que ela acaba de descrever. A narradora-protagonista de *A paixão segundo G. H.* vai de uma claridade sem contornos a uma escuridão viva como um poço. Mas interrompe o relato bruscamente aqui, pois acredita ter divisado algo no interior do guarda-roupa, apesar de sua escuridão.

A escuridão opõe-se à luz como a noite ao dia e o sonho à vigília. Estamos no limiar de algo que não se revelou ainda. G. H. não se detém muito tempo nesse estágio, como faz Teresa ao explicá-lo às suas freiras, nas quintas moradas:

Não penseis que é coisa sonhada, como a oração passada. Digo sonhada, porque assim parece que está a alma como que adormecida, que nem parece que está bem a dormir nem se sente desperta. Aqui, estão todas adormecidas e bem adormecidas às coisas do mundo e a nós mesmas [...]. E assim é uma morte saborosa, um arrancar de alma de todas as operações que pode ter, estando no corpo (JESÚS, s.d., p. 63).

Morte deliciosa e estar dormindo são os exemplos a que Teresa recorre para explicar o espaço em que a presença vai se produzir de forma iminente. São os últimos momentos da noite, que antecedem os primeiros raios do amanhecer. As duas escritoras parecem distanciar-se a esse respeito em seus respectivos textos, mas não em sua significação profunda, em sua expectativa, em sua ansiedade. Mas o que é que G. H. viu no interior do guarda-roupa? O que a alma adormecida de Teresa sente? “Meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem” (LISPECTOR, 2014, p. 31), começa dizendo a protagonista de Clarice. É que, do mesmo modo que o quarto branco iluminado tinha três símbolos ancestrais da nudez humana, a escuridão do armário também tem seu sumo sacerdote: uma barata. E tal inseto, diz-nos a narradora, é muito anterior à espécie humana. Sua espécie sobrevive há milênios praticamente sem mudanças em meio às diversas transformações por que o planeta passou, e também sobreviveria a uma destruição nuclear:

O que sempre me repugnara em baratas é que elas eram obsoletas e no entanto atuais. Saber que elas já estavam na Terra, e iguais a hoje, antes mesmo que tivessem aparecido os primeiros dinossauros, saber que o primeiro homem surgido já as havia encontrado proliferadas e se arrastando vivas, saber que elas haviam testemunhado a formação das grandes jazidas de petróleo e carvão no mundo, e lá estavam durante o grande avanço e depois durante o grande recuo das geleiras - a resistência pacífica. Eu sabia que baratas resistiam a mais de um mês sem alimento ou água. E que até de madeira faziam substância nutritiva aproveitável. E que, mesmo depois de pisadas, descomprimiam-se lentamente e continuavam a andar. Mesmo congeladas, ao degelarem, prosseguiram na marcha... Há trezentos e cinquenta milhões de anos elas se repetiam sem se transformarem. Quando o mundo era quase nu elas já o cobriam vagarosas (LISPECTOR, 2014, p. 32).

Além disso, a barata é composta por inúmeras camadas sobrepostas:

ela é formada de cascas e cascas pardas, finas como as de uma cebola, como se cada uma pudesse ser levantada pela unha e no entanto sempre aparecer mais uma casca, e mais uma. Talvez as cascas fossem as asas, mas então ela devia ser feita de camadas e camadas finas de asas comprimidas até formar aquele corpo compacto (LISPECTOR, 2014, p. 38).

Os olhos também pareciam conter uma barata em cada um, e em cada olho destes mais uma, multiplicando-se infinitamente: “Cada olho em si mesmo parecia uma barata. O olho franjado, escuro, vivo e desempoeirado. E o outro olho igual” (LISPECTOR, 2014, p. 38).

Quanto Teresa pretende descrever como são as moradas e onde o trono do Rei se

encontra, diz:

Não haveis de imaginar estas moradas uma após outra, como coisa alinhada; mas ponde os olhos no centro que é a casa ou palácio onde está o Rei, e considerai-a como um palmito, que, para chegar ao que é de comer, tem muitas coberturas que cercam tudo quanto é saboroso. Assim aqui, em redor desta morada, há outras muitas e também por cima [...] e a todas as partes dela se comunica este Sol que está no palácio (JESÚS, s.d., p. 21).

Não deixa de ser curioso o fato de que tanto a barata quanto o palmito apareçam descritos de modo semelhante: como um espaço envolvido por camadas concêntricas. Na verdade, trata-se de descrever o lugar mais recôndito de si mesmo, o centro da alma, onde se encontra o trono do Rei ou a raiz da Vida.

Quando G. H. percebe onde está, retorna assustada e cai num poço de séculos e lama: “enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama” (LISPECTOR, 2014, p. 39). Mas, ao mesmo tempo, sente a força embrutecedora da vida dentro de si: um abismo de silêncio e loucura.

Teresa descreve esse susto, em seu caso provocado por um ruído forte parecido com um trovão, do seguinte modo, em suas sextas moradas:

pois muitas vezes, estando a própria pessoa descuidada e sem ter a memória em Deus, Sua Majestade a desperta, à maneira de um cometa que passa depressa, ou de um trovão, ainda que não se ouça ruído; mas entende muito bem a alma que foi chamamento de Deus, e tão bem entendido, que algumas vezes, em especial ao princípio, a faz estremecer e até queixar-se, sem ser coisa que lhe doa. Sente-se ferida saborosíssimamente, mas não atina como nem quem a feriu; mas bem conhece ser coisa preciosa e jamais quereria sarar daquela ferida (JESÚS, s.d., p. 90).

Abismo ou ferida, há apenas uma forma de livrar-se disso, e é chegar ao seu final e cruzar o limiar: “A entrada para este quarto só tinha uma passagem, e estreita: pela barata. A barata que enchia o quarto de vibração enfim aberta, as vibrações de seus guizos de cascavel no deserto” (LISPECTOR, 2014, p. 41). G. H. fecha bruscamente a porta do guarda-roupa, dividindo a barata em duas, e, numa mistura de fascinação e horror, come a gosma branca de escorre de seu interior. Ao fazer isso, sente que come da mesma entranha da divindade e da vida: “Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (LISPECTOR, 2014, p. 42), explica. “era o inosso, o que eu toda não conhecia – era o neutro” (LISPECTOR, 2014, p. 57). G. H. entrou no círculo mais interior e íntimo, no proibido – seja o paraíso ou o inferno –, no núcleo. Ela reconhece-se vida desde sempre e para sempre e, num arrebatamento, para além de sua constituição humana, entrega-se ao desconhecido, e adora. Como uma borboleta que rompe a crisálida para nascer, ela brota de si mesma: parece a mesma de antes, mas é outra. Ela explica: “E via, com fascínio e horror, os pedaços de minhas podres roupas de múmia caírem secas no chão, eu assistia à minha transformação de crisálida em larva úmida, as asas aos poucos encolhiam-se crestadas” (LISPECTOR, 2014, p. 51).

Chama a atenção que tanto Clarice quanto Teresa tenham empregado os mesmos exemplos de produtos do campo – a cebola e o palmito – para criar uma ideia de como é o lugar sagrado onde se a essência da vida se localiza. Agora, o farão a partir da comparação com a borboleta, para explicar a transformação que se produz no iniciado. Em suas quintas moradas, Teresa conta:

Para melhor o dar a entender, quero aproveitar-me duma comparação que é boa para este fim; e também para vermos como, embora nesta obra que faz o Senhor não possamos fazer nada, podemos fazer muito, dispondo-nos para que Sua Majestade nos faça esta mercê.// Já tereis ouvido as maravilhas de Deus no modo corno se cria a seda, que só Ele pode fazer semelhante invenção, e como, de uma semente, que é à maneira de pequenos grãos de pimenta (que eu nunca vi, mas ouvi-o dizer, e assim, se algo for torcido, não é minha a culpa), com o calor, em começando a haver folhas nas amoreiras, começa esta semente a viver; até que haja este mantimento de que se sustenta, está como morta. E com folhas de amoreira se criam, até que, depois de grandes, lhes põem uns ramitos e aí, com as boquitas, vão por si mesmas fiando a seda, e fazem uns casulos muito apertados onde se encerram e acabam esta larva, que é grande e feia, e sai do mesmo casulo uma borboletazinha branca, muito graciosa (JESÚS, s.d., p. 67).

Depois de atravessado esse limiar, quando G. H. come a gosma branca das entranhas da barata, ela descobre a ausência brutal de sabor que a essência mesma da vida – a que também se pode chamar de Deus – supõe. E nesse exato momento sente como toda a sua estrutura humana se desorganiza, e ela não sabe mais o que pensava ser, não responde mais a nome nenhum, e as letras G. H. tornam-se apenas umas letras em uma caixa, um simples enfeite sem qualquer significado. Aquele que se esconder debaixo de tais iniciais terá chegado ao fim de sua trajetória, ao centro do ser. Não há mais caminho, resta apenas o retorno, mas, para isso, seria preciso esquecer tudo o que aconteceu, o que não é possível. Então, só restam o silêncio e a compreensão, mas não o entendimento: a aceitação daquele que adora:

O mundo independia de mim - esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro (LISPECTOR, 2014, p. 122).

As reticências apontam para a ausência total da linguagem, o fim da travessia da palavra. Como Teresa explica esse estágio, final? A autora de *Las moradas* escreve:

esta secreta união passa-se no centro mais interior da alma, que deve ser onde está o mesmo Deus [...] É um segredo tão grande e uma mercê tão subida o que Deus ali comunica à alma num instante, e o grandíssimo deleite que a alma sente, que eu não sei a que o comparar: mas o Senhor quer-lhe manifestar, por aquele momento, a glória que há no Céu, por uma maneira mais subida que nenhuma outra visão e gosto espiritual. Não se pode dizer mais senão que - tanto quanto se pode entender - fica a alma, digo, o espírito desta alma, feito uma coisa com Deus [...]. Digamos que a união é como se duas velas de cera se juntassem em tal

extremo, que toda a luz fosse uma, ou que o pavio, a luz e a cera fosse tudo um; mas depois pode-se apartar muito bem uma vela da outra, e ficam duas velas, e o pavio da cera (JESÚS, s.d., p. 151-152).

Não deixa de ser interessante observar uma foto da autora de *A paixão segundo G. H.*, em que a escritora se retrata com uma metade do rosto na sombra e a outra metade iluminada, em cujo fundo se podem ver um quadro e duas pontas de vela acendidas, uma embaixo da outra. Nesta foto cuidadosamente pensada, a obra da qual tratamos está simbolizada de maneira concisa: os espaços de sombra e luz, o rosto enigmático e a pintura, que poderia ser da artista plástica G. H. ... e as velas que se comunicam numa mesma chama, das quais Teresa também fala.

É difícil responder se Clarice conhecia a obra da santa de Ávila, pois a escritora brasileira escondia cuidadosamente suas leituras, exceto Hesse ou Dostoiévski. No entanto, numa carta destinada a Lúcio Cardoso (Nápoles, 26 de março de 1945), ela cita a autora das *Moradas*: “Diz que Santa Teresinha não se cansa ‘de recolher os sentidos, que, como estão acostumados a ficar espalhados, dá muito trabalho’ recolhê-los, como tirar água de um poço, ela diz num espanhol mais ortográfico do que a minha citação” Como se pode ver, é uma prova muito frágil na qual se basear uma teoria da literatura comparada, especialmente se considerarmos que ela escreveu essa carta quase vinte anos antes de redigir *A paixão segundo G. H.* De qualquer modo, essa leitura paralela permitiu-nos descobrir algumas analogias entre as duas escritoras e suas respectivas obras. Poderíamos sintetizar tais considerações em dez pontos, que não pretendem, de modo algum, ser exclusivos:

1. Trata-se de duas escritoras de uma dicção muito pessoal e feminina, como fica demonstrado nos detalhes de suas narrativas, em suas descrições e na forma como se expressam, o que, aliás, vários críticos já observaram.

2. Ambas tiveram de enfrentar graves problemas no momento em que escreviam seus dois respectivos livros, conforme mencionamos antes. Além disso, suas biografias apresentam aspectos paralelos.

3. Não fica claro a quem exatamente elas se dirigem, em seus discursos. Teresa escreve para as freiras, os inquisidores e, no fim das contas, para si mesma, tentando entender a sua própria experiência. Clarice escreve para um interlocutor anônimo: “Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem” (LISPECTOR, 2014, p. 4), escreve. Mas, inúmeras vezes, parece que há alguém junto dela: “Dá-me a tua mão” (LISPECTOR, 2014, p. 22), diz. Finalmente, como no caso de Teresa, é como se escrevesse apenas para si mesma, à procura de certa racionalidade para tentar entender o fato de ter comido as entranhas da barata e ter descoberto o gosto do núcleo da vida.

4. Sede e aridez. A experiência conota uma enorme aridez. Esses termos – seco, aridez e deserto – repetem-se obstinada e constantemente nos dois textos.

5. Sofrimento e prazer. Essas duas sensações opostas são produzidas nos dois casos. Os exemplos são vários, mas vamos nos limitar a alguns: Diz Clarice (G. H.): “Eu estava no inferno atravessada de prazer” (LISPECTOR, 2014, p. 83). E, também: “eu sabia que minha alegria fora o sofrimento” (LISPECTOR, 2014, p. 89). Teresa, num trecho que já citamos

anteriormente, diz: “Sente-se ferida saborosíssimamente” (JESÚS, s.d., p. 90). E no *Libro de la vida*, ela escreve: “parecia que o Anjo atravessava-me o coração com um dardo, às vezes, e ele chegava às minhas entranhas. Ao tirá-lo, era como se as levasse consigo, e deixava-me toda em chamas, no grande amor de Deus” (JESÚS, 1993, p. 353 - Tradução de Wanderlan S. Alves).

6. Há um não saber sabendo, um não entender entendendo. A linguagem é insuficiente nos dois testemunhos, e suas autoras se desculpam ou reclamam de sua falta de preparo, manifestando sua impossibilidade de se expressar.

7. Sinceridade radical. Há um segredo e um mistério em tudo o que contam. As escritoras sabem que estão se arriscando a dizer o impossível, que, além disso, é proibido, ou poderia ser. Teresa não se esquece em momento algum de que ela e seu livro estão sob a observação de alguns inquisidores. Em Clarice, por sua vez, sempre fica a suspeita de ter profanado alguma coisa que deveria ficar oculta para sempre. O fato de não revelar algo secreto exige delas uma sinceridade radical. Elas contam o que viram sem esconder nada, e fazem isso do melhor modo que conseguem.

8. Carência. As duas escritoras sentem-se diminuídas diante da grandeza do que viram, da presença que sentem em seu interior.

9. Despersonalização. Em ambos os casos, a experiência provoca a perda da identidade e também do nome, como fica exemplificado pelas iniciais de G. H. no romance de Clarice.

10. Presente absoluto. No momento em que se vive essa experiência, não há tempo nem duração. Clarice (G. H.) escreve: “é como se o futuro parasse de vir a existir” (LISPECTOR, 2014, p. 100). E Teresa, em suas sétimas moradas: “A diferença que há aqui nesta morada, é o que já se disse; que quase nunca há aridez nem alvoroços interiores, como havia em todas as outras, de tempos a tempos, senão que a alma está quase sempre em quietude” (JESÚS, s.d., p. 158-159).

Cada um desses dez pontos poderia ser decomposto em vários e tornar-se objeto de um ensaio específico, o que não é o objetivo deste trabalho. Que essa aproximação sirva para colocar lado a lado dois textos nos quais se expressa aquilo a que Wittgenstein fazia referência, em sua sétima proposição (o número se repete novamente) do seu *Tractatus Logico-Philosophicus*: “o que não se pode falar deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 53).

A experiência que se insinua nesses textos pode ser qualificada como mística, nos dois casos. Trata-se do contato de um ser humano com uma presença que o supera e é suscetível de receber diversos nomes, como Deus, Vida ou Energia. Para entender racionalmente isso, pode-se recorrer a qualquer *corpus* religioso – Teresa sintetiza o cabalístico e o sufista no seu ideário cristão –, bem como explicá-lo a partir de uma postura agnóstica, como na obra de Clarice. Os dois textos vêm nos dizer o que nos excede e existe além das palavras: no imenso oceano de silêncio que separa e isola nossa pobre linguagem cotidiana, filosófica, religiosa ou científica.

MAURA, A. The Castle of Passion (Parallels between *The Passion According to G. H.*, by Clarice Lispector, and *The Interior Castle or The Mansions*, by St. Teresa of Avila). *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 114–128, 2015.

Referências

AL-NURI, A.-L-H. *Moradas de los corazones*. Trad. do árabe, introdução e notas Luce López-Baralt. Madrid: Trotta, 1999.

CLARICE LISPECTOR, entrevista ao Museu da Imagem e do Som, 20 out. 1976. Cf. *Clarice Lispector*, Rio de Janeiro, Fundação Museu da Imagem e do Som, 1991 (Col. Depoimentos, 7).

JESÚS, T. *Obras Completas*. Madrid: Aguillar, 1940.

_____. *Las moradas*. Madrid: Cátedra Ediciones, 1985.

_____. *Libro de la vida*. Madrid: Mare Nostrum Ediciones, 1993.

LAENEN, J. H. *La mística judía*. Trad. Xavier Pikaza. Madrid: Trotta, 2006.

LISPECTOR, C. *La pasión según G. H.* Trad. Alberto Villalba. Barcelona: Siruela, 1988.

_____. *Correspondências*. Org. Tereza Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MONTERO, T. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MOSER, B. *Why this World: A Biography of Clarice Lispector*. New York: Oxford University Press, 2009.

ROSSI, R. *Teresa de Ávila. Biografía de una escritora*. Trad. Marieta Gargatali. Barcelona: Icaria, 1993.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Jacobo Muñoz, Isidoro Reguera. Madrid: Alianza, 1995.

Referências para a tradução

JESÚS, T. *Livro das moradas ou Castelo interior*. Disponível em: <<http://www>.

documentacatholicaomnia.eu/03d/1515-1582,_Teresa_d'Avila,_Moradas_Ou_Castelo_Interior,_PT.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2015.

_____. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1968.

Original recebido em: 21/05/2015; aceito em: 28/06/2015

Tradução recebida em: 14/09/2015